



► de que o Casal Ventoso é, em parte, estigmatizado por uma influência nefasta dos «media» que constantemente o apresentam como «a zona de criminalidade onde a droga é vendida/comprada com facilidade», nunca referindo, por exemplo, o trabalho que «toda a equipa do Centro Social ali desenvolve». Plenamente de acordo. Há uma considerável parte de responsabilidade dos tradicionais divulgadores da comunicação no perigoso desenvolvimento de uma cultura e de uma informação-espectáculo nas quais a imagem criada se vai elaborando sem dar atenção a matizes incómodas. Vão-se construindo preconceitos e realidades falseadas que em nada contribuem para a eficácia do que se quer prevenir: no caso do Casal Ventoso, o esforço de alguns membros da comunidade no combate à toxicodependência.

Depois de um trabalho que se adivinha exaustivo — o de entrevistas feitas a jovens do Casal Ventoso e de Oeiras —, caso se tivesse optado, nos comentários que se seguem às entrevistas, por uma linguagem diferente (isto é, toda e qualquer linguagem que não a que é apenas susceptível de ser dominada por técnicos de saúde mental) e por uma escrita mais trabalhada (o texto por vezes parece o esboço para uma comunicação oral), os resultados seriam de longe mais estimulantes. O livro corre o risco de assumir com o leitor mais uma relação de troca «voyeurista» que em pouco adianta a nossa capacidade de equacionar o problema da toxicodependência. Citar de novo Amaral Dias torna-se irresistível: «A surdez de uns (neste caso dos toxicodependentes)» é «proporcional à surdez de outros (em primeiro lugar dos especialistas)».

No mesmo âmbito, releiam-se como exemplo de uma linguagem rigorosa e eficaz os textos de Nazaré Santos, Pedro Levy, Pedro Varandas e Angelo Vieira de Sousa — três psiquiatras e um psicólogo —, que escreveram (em «Vozes e Ruídos») de forma clara e sem necessidade de recorrer constantemente a chavões técnicos sobre os temas da depressão, da esquizofrenia, da anorexia nervosa e da droga.

(Afrontamento, 1995, 115 págs., 1.500\$00)

ANA PAULA COSTA

## FICÇÃO

### ■ SEDUÇÕES DO INFANTE

Mário Avelar

### ■ DO EXTERMÍNIO

Jaime Rocha

A Black Son Editors faz vir a lume mais dois volumes da sua colecção «The Impossible Papers».

Deixando de lado os juízos estéticos sobre a qualidade intrínseca destes dois pequenos livros, saliento a corajosa paciência desta editora, que persiste em publicar textos que se vendem muito pouco, e que quase ninguém lê; tentação ou tentativa de propor um gosto diferente, mais próximo das ruínas que dos grandes edifícios metafísicos e literários.

Numa veia nietzschiana, a função interpretativa do aforismo combina aqui com a potência avaliadora da poesia, desafiando a divindade que parece reinar no equilíbrio entre as forças da estabilidade e da instabilidade, e martelando o todo ou sistema onde assenta a ordem do Universo.

Mas, enquanto Jaime Ro-



Mário Avelar SEDUÇÕES DO INFANTE

BLACK SON EDITORES



BLACK SON EDITORES

cha, através dos fascínios do espelho, nos escreve sobre o extermínio, Mário Avelar medita no tempo, juiz supremo e prodigador de sonhos.

Cabe ao leitor aderir ou não ao estilo de cada um destes textos, estilo que é o homem que a ele se endereça, na esperança de ser lido como o autor da sua própria mensagem.

(Black Son Editores, Lisboa, 1995, 41 e 31 págs., 1750\$00 cada)

JOSÉ MARTINHO

### ■ CADERNO DE AGOSTO

Alice Vieira

O argumento corre o risco de ser banal, mas o desenvolvimento da narrativa tem o seu quê de engenhoso. Luísa é professora de História, e a elaboração da sua tese de mestrado eterniza-se. Após se ter divorciado de um conhecido psiquiatra, a sua vida segue um rumo sinuoso e Luísa inicia a escrita de um romance. Se esta lhe serve de terapia (interrompida, a espaços, por efémeras paixões), a história que inventa funciona, por sua vez, como espelho ou contraponto dos seus percalços amorosos. Após a inesperada fuga de um sócio que lhe arrebatara um original de sucesso certo, um antigo colega de faculdade pressiona Luísa no sentido de esta dar continuidade à sua escrita, na esperança de incluir um novo «best-seller» na indescritível colecção de romances cor-de-rosa de que é editor.

Alice Vieira adopta, assim, uma estratégia a que já nos habituara em livros anteriores (por exemplo em *Viagem à Roda do Meu Nome*, 2ª ed. 1987, ou em *A Lua Não Está à Venda*, 1988) — duas enunciações e duas narrativas paralelas: Glória, a filha adolescente de Luísa, enche um caderno, em Agosto, com as aventuras e desventuras da mãe, do pai e seus reflexos na vida familiar; do computador de Luísa, por sua vez, vai saindo o relato dos encontros e desencontros de Mónica e Alfredo Henrique. Este texto, todavia, acabará por não corresponder às expectativas do editor, ou seja, será tudo menos uma história cor-de-rosa. No final, Glória agrafa às suas folhas os capítulos da segunda narrativa já escritos por Luísa e o «Caderno de Agosto» fica completo.

Com esta estratégia, o leitor é obrigado a centrar a sua atenção em dois mundos distintos (o de Luísa e o de Mónica) que, no entanto, reciprocamente se iluminam.

Que há, pois, de novo nestas histórias de amores frustrados e de adolescentes expeditos e implacáveis na sua ironia?

Em primeiro lugar, uma prosa que a todo o momento nos arrasta na sua vertigem narrativa, revelando uma desenvoltura e uma trabalhada simplicidade que fazem do romance um dos textos mais saborosos que a autora publicou até hoje. Por outro lado, dois olhares impiedosos: os de Glória e de seu irmão António, atentos às fantasias e permanentes contradições dos adultos, em especial de uma mãe «muito-de-esquerda» — em cujo passado mais ou menos militante se contabilizavam algumas festas do «Avante», a distribuição de comunicados da FENPROF, os protestos contra o Ministério da Educação ou a leitura do «JL» (jornal que, em dado momento, é apelidado de Bíblia de engenheiros afectados por complexos de inferioridade cultural).

Convém, aliás, acrescentar

que o principal segmento da acção de *Caderno de Agosto* — e este é outro dos seus motivos de interesse — decorre num período imediatamente anterior à sua publicação, constituindo uma visão irónica e bem-humorada dos derradeiros tempos do cavaquismo. Aborda-se, por exemplo, a gradual alteração de valores de algumas franjas da classe média lisboeta, sob a influência da ideologia neoliberal e da cultura do «sucesso» e da superficialidade, veiculadas pelo discurso dos «media». Mas assiste-se igualmente ao choque entre uma moral pequeno-burguesa conservadora (representada pelos pais da Luísa) e a atitude mais liberal daqueles que, em 25 de Abril de 74, atingiram a idade adulta. Os últimos momentos de *Caderno de Agosto* são, pois, o tempo dessa amálgama de discursos resultante da abertura das televisões privadas, na qual se cruzam imagens de telenovela, de programas do tipo «Isto Só Vídeo», e dos serviços noticiosos marcados pelo sensacionalismo, pelas contestações a Manuela Ferreira Leite ou ainda pelo casamento de D. Duarte nos Jerónimos, com o rosto do pai de Glória (con-



vertido às delícias de uma vida burguesa) a emergir de um cortejo grotesco de reis destronados.

A outra face deste mundo, porventura mais sombria, surge retratada no romance escrito por Luísa: é o dia-a-dia de Mónica e Alfredo Henrique, cujos conflitos afectivos resultam, em parte, dos sonhos desfeitos de uma pequena-burguesia no limiar da proletarização, trucidada pelo neoliberalismo e por um quotidiano medíocre.

Seria, contudo, injusto reduzir *Caderno de Agosto* a uma limitada imagem sociológica ou nele descobrir apenas a caricatura de um imaginário (os sonhos de sucesso social, os mitos da beleza e da saúde eternas, a atracção romântica pelos lugares exóticos...).

Num texto que a cada momento nos convida a entrar no seu jogo de humor e ironia, apetece, sobretudo, reter o olhar arguto e feminino de Glória, ou seja, o modo divertido como observa, com a lucidez da sua adolescência, a comédia de paixões desastrosas e equívocos sem remédio em que, a pouco e pouco, se vão atolando os adultos que a rodeiam.

(Editorial Caminho, 1995, ils. de José Miguel Ribeiro, 198 págs., 1400\$00)

JOSÉ ANTÓNIO GOMES

## REVISTAS

### ■ UTOPIA

O número inaugural desta nova revista de cultura e intervenção anarquistas tem a sua virtude de, numa prévia reflexão assinada por António Joaquim de Sousa; assumir as actuais fragilidades de um movimento social que, diz-se, terá tido o seu apogeu e estrebuchar no fim da década de 30 do nosso século, com a sanguinária ascensão do nazifascismo na Espanha. É de crer que muita da óbvio e cerce turbulência urbana nas sociedades mais industrializadas do pós-guerra haja sido consequência directa da revolta em bruto, espontânea, não programada sequer pelos seus mais destacados protagonistas, que foram muitos. Mas o anarquismo definiu-se sempre a partir de livres critérios autónomos de organização, ténues laços estruturais, células coordenadas mais por um saber de fonte segura do que por qualquer disciplina prática. E se nisto nunca escamoteámos certa fraqueza, por outro lado vem sendo essa a força que o trouxe ao presente dia. A própria edição esporádica, renovada aqui e ali ao sabor das «finanças» e da vontade pontual dos inúmeros microgrupos activos, tem permitido a passagem de tais saberes sem que o inimigo tome esta boa gente em grande conta...

Congratulemo-nos ainda por ser-nos dado pressentir um acordo pacífico entre as correntes libertárias tradicionais e os de algum modo herdeiros da Internacional Situacionista, celebrado na publicação do magnífico breve dossier «Já Nada Funciona, e em Nada Se Crê» (proposta de Júlio Henriques), que nos revela um revolucionário, o falecido Guy Debord, da acima referida geração do pós-guerra, na sua melhor forma discursiva. Se outros tumultos desconhecêramos, os da lavra de Debord chegariam para preencher uma era de exigências «impossíveis», quatro décadas inteiras de burguesia europeia em estado de alerta permanente contra o flagelo que mais a apoquentava: «Ne travaillez jamais».

Outros temas vitais enriquecem o primeiro número da «Utopia»: o colapso ecológico generalizado, o recente levantamento zapatista, o mito de Sacco e Vanzetti na literatura brasileira, etc. Do ponto de vista do necessário equilíbrio gráfico, a fim de tornar atraente a leitura, a publicação pende excessivamente para a escassez de imagem, as páginas compactas de texto, o que lhe prejudicará a difusão... Lembrem-se da «Bicicleta», editada em Espanha, lembrem-se da pertinência corrosiva de muitas das suas ilustrações. Entretanto, saude-se desde já o próximo número.

(Nº 1, Abril 1995, 112 págs., 800\$00)

PAULO DA COSTA DOMINGOS

### ■ REVISTA L'Ane

«Entre Duas Mortes e a Revolução» é o título do «dossier» que o último número da revista «L'Ane» dedica às relações da Revolução Francesa com o sublime. O ponto de partida é a invenção humanista da guilhotina, que, ao mesmo tempo que reduz a execução a um fugaz instante, a inscreve na era da produção mecanizada em série. Do funcionamento da guilhotina, os revolucionários esperam uma emoção sublime, que mascare o horror da coisa. Um outro exemplo desta emoção é-nos dado pela longa agonia de Robespierre, que a vontade edificante visualiza num suplicio interminável, para melhor a suprimir. Ao contrário, é à plenitude que parece chegar Madame Roland, quando, encarcerada, redige o escrito que a imortaliza. Mas é com Kleist e Stendhal que a travessia por «entre duas mortes» se efectua, quando reactualizam, graças ao estilo, o sentimento estético do sublime.

A recente publicação dos *Cadernos de Vaslav Nijinski* permitem, neste mesmo número de «L'Ane», a Rosine e Robert Lefort um esclarecedor estudo sobre as relações entre a vida e a obra deste dançarino e coreógrafo que marcou indelevelmente o «ballet» moderno.

Depois, podemos ler as habituais informações do «Magazine Freudiano», sobre a história e actualidade da psicanálise (fundação da «Escola Brasileira de Psicanálise», as «Conferências Oscar Massotta» em Barcelona, «Freud e o Anel Secreto», de Phyllis Grosskurth, Harald Leupold-Löwenthal e os arquivos Freud), e críticas a alguns dos livros vindos a lume ultimamente (Correspondência, de Mallarmé, a obra colectiva intitulada *A Deusa Palavra*, Lewis Carroll: *do Outro Lado da Lógica*, de Sophie Marret, *Luas de Mel*, de Luísa Futoransky), mas também um panorama da nova filosofia americana, por Christian Delacampagne, e um interessante artigo de Claire Margat sobre a estranha prática que têm os italianos de inscreverem mensagens sobre as suas notas de mil liras.

(Návarin, Paris, nº 61, 51 págs., 70 FF)

J. M.

Compre e Ofereça Livros pelo Telefone



TELE-BERTRAND

01-3432548

Recomendamos: Coleção Brevíssima Portuguesa - (6 ex)